



USOS DO LIVRO DIDÁTICO DE SOCIOLOGIA NO DISTRITO FEDERAL

Marina Isabel Correia da Silva Dantas¹

Marcelo Cigales²

Resumo

Em cenário mais recente, a Sociologia esteve presente nas três edições do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) em 2012, 2015 e 2018, sendo seus livros distribuídos em milhares de escolas públicas no país. Diversas análises estão sendo produzidas e socializadas em eventos da área, quase sempre atreladas aos aspectos do conteúdo, imagens e categorias sociais, porém estão em menor número aqueles trabalhos que visam compreender os aspectos da recepção do livro na escola pelos alunos e professores. Neste sentido, este trabalho visa analisar como os professores do Distrito Federal (DF) vêm utilizando os livros didáticos de Sociologia. Os dados foram coletados a partir de um questionário *online* enviado para as escolas entre novembro de 2020 e março de 2021, onde foram recebidas 27 respostas. O referencial teórico está embasado em Pierre Bourdieu e no seu conceito de *habitus*, para compreender a relação entre a formação docente e o uso do livro didático em sala de aula. Dentre os resultados da pesquisa temos que a maior parte dos respondentes sente um déficit em sua formação pedagógica, agora agravada pela situação da pandemia de Covid-19; o livro didático costuma dividir espaço com outros materiais de apoio, como *blogs*, *sites* e a produção didática dos próprios professores, todos estes que têm apresentado mudança na dinâmica pelo formato de ensino remoto e misto que as escolas do DF passam durante a pandemia; e, por último, temos que há uma preferência por certos livros de Sociologia do PNLD em detrimento de outros.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia; Livro didático; Formação docente; Covid-19.

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: marina.iisabel@gmail.com

² Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: marcelo.cigales@gmail.com

USES OF SOCIOLOGY TEXTBOOK IN THE DISTRITO FEDERAL

Abstract

In a more recent scenario, Sociology was present in three editions of the National Textbook Program (PNLD) in 2012, 2015 and 2018, and its books were distributed in thousands of public schools in the country. Several analyzes are being produced and socialized at events in the area, almost always linked to aspects of content, images and social categories, but fewer are those works that aim to understand the aspects of reception of books at school by students and teachers. In this sense, this work aims to analyze how teachers in the Distrito Federal (DF) have been using sociology textbooks. Data were collected from an online questionnaire sent to schools between November 2020 and March 2021, where 27 responses were received. The theoretical framework is based on Pierre Bourdieu and his concept of habitus, to understand the relationship between teacher education and the use of textbooks in the classroom. Among the survey results we have that most respondents feel a deficit in their pedagogical training, now aggravated by the situation of the Covid-19 pandemic; the textbook usually shares space with other support materials such as blogs, websites and the didactic production of the teachers themselves, all of which have changed dynamics due to the remote and mixed teaching format that schools in the DF undergo during the pandemic; and finally, there is a preference for certain PNLD Sociology books over others.

Keywords: Sociology Teaching; Textbook; Teacher training; Covid-19.

INTRODUÇÃO

A história do livro didático de Sociologia no Brasil remonta aos anos 1920, quando foi publicado o livro intitulado “Sociologia” de A. Lorton em 1926, autor francês traduzido e adaptado ao uso escolar (OLIVEIRA, 2013)³. Percebe-se que os livros didáticos se regulam por uma outra dinâmica, da qual o ensino da Sociologia se atrela no caso brasileiro, pois compreender a produção, circulação e uso desse material entre nós, vai além dos marcos institucionais que inseriram ou retiraram a disciplina do ensino secundário.

³Estudo mais recente demonstrou que o livro didático de Sociologia (manual escolar) foi publicado em 1917 (BODART, MARCHIORI, 2021). Destaca-se que os manuais escolares da primeira metade do século XX eram obras de uso dos professores, diferente dos livros didáticos atuais que são de posse dos estudantes.

De acordo com Meucci (2001), a Sociologia esteve presente no ensino secundário em 1890, com a Reforma de Ensino de Benjamin Constant, que visava ampliar essa etapa de ensino, incluindo a Sociologia em seu currículo, mas a qual não chegou a ser implementada, ressurgindo somente na segunda década do século XX⁴. Para evidenciar esse período histórico de obrigatoriedade é importante salientar as reformas educacionais de Luiz Alves Rocha Vaz, de 1925, e Francisco Campos, de 1931, que (re)inseriram a disciplina na escola secundária e a Reforma de Gustavo Capanema, de 1942, que retirou a disciplina desse nível de ensino, ainda que tenhamos que considerar que os processos de institucionalização da Sociologia ocorreram paralelamente por outras vias, através da criação das universidades e escolas normais nesse período (MEUCCI, 2011; MICELI, 1989, 1995).

Destaca-se que a educação no Brasil até o final do século XX era destinada à elite, sendo o conhecimento das Ciências Humanas voltado à formação de uma parcela letrada de grupos sociais dominantes no cenário econômico e cultural. Apesar de compreendermos a Sociologia com seu potencial crítico e contestador, estudos como os de Bodart e Cigales (2021) e Oliveira (2021) demonstram que não há relação direta entre a presença da Sociologia na Educação Básica com governos democráticos, hipótese reafirmada por Meucci (2020), que percebe uma relação histórica entre a presença do ensino de Sociologia no Brasil, nos períodos em que os governos utilizaram do conhecimento científico como forma de resolver os problemas sociais. Analogia interessante para pensarmos a gestão governamental de Jair Bolsonaro (2018-) em que a ciência perde a legitimidade para dar resposta às crises de saúde pública, sociais e econômicas, ao mesmo tempo em que uma reforma educacional retira a obrigatoriedade nominal da disciplina de Sociologia da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, indicando apenas a obrigatoriedade de saberes e práticas de Sociologia no Ensino Médio.

Apesar de idas e vindas do currículo escolar, a Sociologia na Educação Básica, mais especificamente no Ensino Médio, retorna gradativamente a partir

⁴ Estudos mais recentes abordam que a Sociologia era uma disciplina presente em algumas instituições escolares no século XIX, tal como no estado do Amazonas (BODART, CIGALES, 2021).

da redemocratização do país nos anos 1980. Sendo que a nível federal, impulsionada pelos movimentos sociais, políticos e acadêmicos, se aprovou a Lei nº 11.684/08, que institucionalizou o ensino de Sociologia nos currículos escolares do Ensino Médio, tornando seu ensino obrigatório em todas as redes e instituições, possibilitando que caminhos fossem abertos para se incluir a Sociologia em políticas públicas educacionais, tais como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), assim como a criação de uma gramática comum ao redor de um subcampo de pesquisa no interior da Sociologia (BRUNETTA, CIGALES, 2018).

Evidencia-se, por meio da trajetória da Sociologia enquanto disciplina escolar, que há uma inquietação em compreender o papel do livro didático e seu uso no cenário recente da educação brasileira. Com as recentes transformações no edital do PNLD, surge uma nova geração de livros didáticos interdisciplinares, sendo que a Sociologia passa a compor a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Além de livros por área de conhecimento, também foram produzidos livros destinados ao Projeto de Vida, aos Projetos Integradores, às Áreas Interdisciplinares e materiais de apoio pedagógico, com o objetivo de responder às demandas impostas pela Lei nº 13.415 de 2017 e BNCC de 2018, organizadas a partir de objetivos de aprendizagem (SILVA, ALVES NETO, 2020).

Dado esse contexto de mudanças curriculares e que impactam o livro didático de Sociologia no Brasil, buscamos compreender as relações intrínsecas ao ensino de Sociologia, as quais envolvem diversos atores, que vão desde as entidades federais, estaduais e municipais até os indivíduos que participam diretamente da rotina escolar, como professores e estudantes. Assim, buscamos a relação entre o *habitus* em Bourdieu (1996) com o uso do livro didático de Sociologia entre professores do Distrito Federal. Partimos do pressuposto que existe um conjunto de práticas pedagógicas que orientam o trabalho com a disciplina de Sociologia na escola. Assim, evidenciar o uso do livro didático pode nos trazer pistas relevantes sobre o papel que esses objetos culturais desempenham na estruturação de um *habitus* docente em Sociologia. Portanto, compreender o uso do livro didático de Sociologia no Distrito Federal é sinônimo de conhecer as práticas dos professores

que lecionam esta disciplina, compartilhando a importância do entendimento e a relação entre estes dois atores na educação.

Apontamentos metodológicos.

A metodologia usada no desenvolvimento desta pesquisa partiu de uma revisão bibliográfica do tema sobre artigos que discutiam as práticas e os desafios docentes em Sociologia no Brasil (OLIVEIRA, 2019; BODART, 2018; BODART, CIGALES, 2017), desenvolvida no âmbito do Laboratório de Ensino Lélia Gonzalez, vinculado ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), durante o período de 2020 e 2021. Também utilizamos as análises quantitativa e qualitativa de dados obtidos a partir de um questionário do tipo *survey*, elaborado na plataforma Google Forms®. Foi uma iniciativa do Projeto de Pesquisa “Práticas e desafios docentes em Sociologia no Distrito Federal⁵”, tendo sido elaborado e enviado pelos orientandos e orientador desta pesquisa às escolas da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEE-DF). O envio se deu via *e-mail*, disponível no site da SEE-DF, e também no grupo de WhatsApp “Fórum Permanente do Ensino de Sociologia na Educação Básica”. A coleta ocorreu entre os meses de novembro de 2020 e março de 2021, período que caracteriza a modalidade de Ensino Remoto Emergencial (ARRUDA, 2020).

O formulário da pesquisa conteve 9 seções, enumeradas em: a) Termo de Consentimento livre e esclarecido, contendo as informações sobre a pesquisa, riscos e benefícios; b) dados gerais com perguntas sobre idade, raça/etnia e estado civil; c) dados educacionais, contendo questões sobre trajetória da formação básica e superior; d) dados profissionais com informações sobre anos de trabalho, número de turmas e disciplinas que leciona; e) dados sobre formação pedagógica, contendo perguntas sobre o grau de satisfação em relação à formação pedagógica recebida no curso de graduação; f) dados sobre as dificuldades relacionadas ao trabalho pedagógico com a disciplina de Sociologia; g) dados sobre as dificuldades internas

⁵O relatório resumido e completo da pesquisa pode ser acessado no site do Laboratório de Ensino de Sociologia Lélia Gonzalez, através do endereço eletrônico www.lesia.unb.br.

ao trabalho pedagógico, relacionando atividades anteriores e durante o ensino remoto; h) dados sobre participação política e curricular; e i) questões finais.

Durante os cinco meses em que esteve aberto, o questionário foi respondido por 27 professores, dos 431 professores de Sociologia atuantes na rede da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF) apontados pelos dados do Censo Escolar de 2020 (INEP, 2020). As hipóteses destacadas para essa baixa resolução podem estar no esgotamento do trabalho remoto, assim como na precarização do trabalho docente, refletido na baixa carga horária da disciplina de Sociologia na Educação Básica, entre outros.

Sobre a revisão bibliográfica do tema da pesquisa, focamos em três eixos: a) O que vem sendo pesquisado sobre o livro didático de Sociologia no Brasil, após a implementação da Lei nº 11.684; b) Qual é o foco de pesquisa sobre a recepção e o uso dos livros didáticos de Sociologia nesse período?; c) Que orientações os Guias do Programa Nacional do Livro Didático indicam sobre o uso dos materiais em sala de aula? Além da bibliografia, este trabalho voltou seu olhar para a realidade dos docentes do Distrito Federal para compreender sua relação com o ensino de Sociologia e os usos feitos por estes, do livro didático. Destaca-se que a presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa na área de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, sob o parecer nº 4.335.343.

Usos e limites do livro didático na prática docente em Sociologia.

O livro didático pode apresentar ao menos duas características relacionadas ao trabalho pedagógico: a) suporte pedagógico no desenvolvimento das aulas e, conseqüentemente, um facilitador no processo de ensino-aprendizagem da matéria, visto que as Ciências Sociais apresentam uma forte característica de densidade teórica, a qual pode acabar se tornando uma barreira didática no processo de ensino e aprendizagem da disciplina no Ensino Médio; b) suplemento de formação inicial ou continuada dos professores, dado que no país temos um alto índice de professores de Sociologia não formados em Ciências Sociais (BODART, SILVA, 2019). Além disso, os estágios supervisionados nos cursos de licenciatura nem

sempre ocorrem de maneira satisfatória, atendendo aos critérios mínimos exigidos pelas diretrizes educacionais (TABAKI, 2021), os quais por diferentes motivações podem se utilizar do livro para guiar a si e aos alunos sobre o conteúdo e as melhores ações didático-pedagógicas.

Sobre o público-alvo dos respondentes da pesquisa que, ao todo, somava-se 27, se obteve por meio do formulário que a maioria, 14 (51,9 %), era composta por homens cisgêneros, seguido por mulheres cis, com um total de 12 respostas (44,4%), e um (3,7%) não binário, a maioria destes se autodeclarou como brancos/as, com 13 respostas (50%), 7 (26,9%) parda, 4 (15,4%) preta, 1 indígena (3,8%) e 1 (3,85) não informado.

Em grande parte, o público pesquisado nasceu no Distrito Federal, sendo um quantitativo de 16 (59,3%) do total, que se divide entre outras cidades do país, sendo todos(as) de nacionalidade brasileira. No mais, doze (44,4%) pessoas do total responderam ter nascido durante a década de 1980, estimando uma idade de cerca de 30 anos dentre os docentes da área. Por fim, sobre seu tempo lecionando a disciplina, 11 (40,7%) possuem entre 1 a 5 anos de experiência com a disciplina, seguidos de outros 11 (40,7%) que possuem entre 6 a 10 anos de experiência com a disciplina, como pode ser visto na Tabela 01 representada.

Tabela 01 - Há quantos anos você tem lecionado a disciplina de Sociologia?

Ano de nascimento	Entre 1 a 5 anos	Entre 6 a 10 anos	Há mais de 11 anos	Há mais de 20 anos	Menos de 1 ano	Total geral
1963					1	1
1965				1		1
1971		1				1
1973				1		1
1977		1				1
1980				1	1	2
1984				1		1
1985				1		1
1986	1			1		2
1987	2			2		4
1988				1		1

1989			1			1
1990	2					2
1992	1		1			2
1993	1					1
1994	1					1
1995	1				1	2
1996	1					1
1997	1					1
Total geral	11	2	11	1	2	27

Fonte: Elaboração própria.

Conforme a Tabela 01, percebe-se que um percentual significativo dos professores de Sociologia está na Educação Básica após a implementação da Lei nº 11.684, que tornou obrigatório o ensino da disciplina no Ensino Médio. Tais dados informam a relevância da referida Lei para que se pudesse fazer, em um primeiro momento, com que os professores desta disciplina estabelecessem seu espaço na Educação Básica e que, em seguida, refletiu nas políticas públicas e na inclusão em programas educacionais como o PNLD, ainda que tenhamos que considerar que parte significativa das vagas ocupadas são de contrato temporário, como demonstra a Tabela 02.

Tabela 02 - Vínculo de trabalho dos professores de Sociologia do Distrito Federal (2021)

Identidade de gênero	Carteira assinada	Concursado/a	Contrato temporário de trabalho	Total geral	
Homem cis		1	9	4	14
Mulher cis			5	7	12
Não binário			1		1
Total geral		1	15	11	27

Fonte: elaboração própria (2021).

Partimos da análise do PNLD de 2012, a fim de auxiliar na compreensão sobre o uso do livro didático no contexto prático em sala de aula. Analisar, por meio desse documento, como se desenvolveu a escolha dos livros didáticos que figuraram

o ensino nos anos seguintes ao PNLD e sua relação nas escolas é relevante, pois traz desdobramentos para evidenciarmos a institucionalização da Sociologia a partir do material escolar, bem como do impacto dessa política no âmbito educacional. O PNLD conta com um Guia de Livros Didáticos, que traz uma resenha sobre os livros avaliados e aprovados por uma equipe de especialistas. Essas resenhas auxiliam a equipe pedagógica das escolas na seleção dos livros que melhor respondem às suas demandas. Segundo o Guia do ano de 2012: “O livro didático de Sociologia pode atuar em três dimensões na escola pública: didático-pedagógica, social e política” (BRASIL, 2011, p. 7). Isso faz relação direta com uma das características mais comumente associadas com o ensino de Sociologia nas escolas: a dimensão cidadã.

De acordo com os dados do questionário desta pesquisa, os professores de Sociologia do Distrito Federal relacionam o ensino de Sociologia com termos voltados a “desnaturalizar”, “estranhar”, “despertar o senso crítico” e “formar para a cidadania”. Essas mesmas palavras-chave também são recorrentes em documentos e diretrizes da educação brasileira, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM), da área de Sociologia. Além disso, 8 (29,63%) dos professores afirmaram o caráter de intervenção no mundo social, como finalidade de ensinar e aprender a Sociologia na Educação Básica.

Em concordância com a pesquisa, Bodart e Silva (2016) contribuem para pensarmos sobre os diversos papéis que têm o professor de Sociologia, na medida em que este pode propor a reflexividade para que os estudantes revejam preconceitos e concepções, desnaturalizando a realidade social. Deste modo, muitas vezes na docência, os professores e as professoras se veem como a luz que guiará para fora, para todo um universo que é desconhecido e diverso, assim se pode interpretar que a dimensão cidadã presenteia-se. Nessa concepção, ensinar Sociologia é conseguir desenvolver nos jovens a “imaginação sociológica⁶”, assim como trabalhar a dimensão cidadã, é ter a dimensão de todo o conjunto social que

⁶Termo cunhado por C.W. Mills na década de 1950 para ressaltar uma qualidade intrínseca ao desenvolvimento do trabalho sociológico. Para Mills (2009), a imaginação sociológica é a capacidade de relacionar história e biografia, e compreender a relação entre ambas na sociedade.

se encontra, pensando sobre as estruturas sociais e também sobre a possibilidade de agenciamento desses problemas de forma coletiva.

Na edição do PNL D de 2012, dentre os 14 livros submetidos para a área de Sociologia, 2 foram aprovados, cumprindo os critérios de avaliação que perpassam aspectos de legislação; teórico-conceituais; didático-pedagógicos, divididos em conteúdos, atividades e exercícios presentes no livro; de avaliação de imagens; de editoração e aspectos visuais; e, por fim, o Manual do Professor, que tem o objetivo de auxiliar o professor no uso do livro didático, contendo sugestões e orientações didático-pedagógicas.

Buscando ainda compreender como se sucederam as demais edições PNL D de Sociologia, o Guia de 2015 teve como critérios específicos de avaliação 1. A interdisciplinaridade das Ciências Sociais; 2. O rigor teórico e conceitual; 3. A mediação didática; 4. A apreensão do conhecimento sociológico pelo aluno e; 5. A autonomia do trabalho pedagógico do professor (BRASIL, 2014, p. 8). A edição do ano de 2015 traz a inclusão do livro didático digital, versão idêntica ao livro físico, acrescida de materiais como imagens, vídeos, mapas e *links* para páginas na internet, representando um importante passo para a inclusão digital de alunos e novas interações didático-pedagógicas, segundo o próprio Guia.

No ano de 2015, foram aprovados no edital seis livros didáticos de Sociologia, todos contendo um Manual do Professor, mas somente quatro deles apresentaram sua versão digital. Os livros aprovados foram: Sociologia para o Ensino Médio (TOMAZI, 2013), que tem autores clássicos da Sociologia; Tempos Modernos, Tempos de Sociologia (BOMENY, FREIRE-MEDEIROS, EMERIQUE, O'DONNELL, 2013), que utiliza-se do filme Tempos Modernos, de Charles Chaplin, para aplicar os conceitos sociológicos de maneira transversal; Sociologia (ARAÚJO, BRIDI, MOTIM, 2013), que organiza-se por temas centrais para a sociedade contemporânea, em temas como Meio Ambiente, Juventude e Religião para trabalhar os autores das Ciências Sociais; Sociologia em Movimento (SILVA, *et al.*, 2013) que trabalha os temas e autores clássicos da área, dialogando com temas mais atuais como gênero e sexualidade; o penúltimo é o Sociologia Hoje (MACHADO, AMORIM, BARROS, 2013), que se fundamenta na divisão das três

áreas das Ciências Sociais para trabalhar ao longo do Ensino Médio; por fim, Sociologia para Jovens do Século XXI (OLIVEIRA, COSTA, 2013), que busca uma linguagem próxima aos jovens e aborda os temas em blocos como trabalho, política e economia, introduzindo ou trabalhando autores clássicos e contemporâneos do pensamento sociológico.

No que tange ao Guia do Livro Didático de 2018 (BRASIL, 2017), este teve como critérios específicos de avaliação: 1. Assegurar a presença dos conteúdos das três áreas que compõem as Ciências Sociais: Antropologia, Sociologia e Ciência Política; 2. Respeitar o rigor teórico e conceitual; 3. Realizar a mediação didática; 4. Contribuir para a apreensão do conhecimento sociológico pelo estudante; e 5. Garantir a autonomia do trabalho pedagógico do professor. Esta edição contou com 6 livros aprovados, sem especificar ao longo do texto quais deles têm sua versão digital. Os livros aprovados foram: Sociologia (MOTIM, BRIDI, ARAÚJO, 2016); Sociologia Hoje (MACHADO, AMORIM, BARROS, 2016); Tempos Modernos, Tempos de Sociologia (BOMENY, FREIRE-MEDEIROS, EMERIQUE, O'DONNELL, 2016); Sociologia em Movimento (SILVA, *et al.*, 2016); Sociologia para Jovens do Século XXI (OLIVEIRA, COSTA, 2016), todos estes em sua segunda edição no PNL D e que passaram por modificações pontuais, como adição e/ou exclusão de temas/conteúdos, *layout* do texto e mudança nas capas.

Outro dado significativo obtido por meio da literatura dos Guias do PNL D foi a percepção da importância em se colocar autores brasileiros e da Sociologia brasileira dentro do conteúdo dos livros didáticos, tais como: Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, ainda que esses autores estejam sendo cada vez mais criticados no interior do pensamento Sociológico no Brasil, dado tanto a uma revisitação dos seus trabalhos, como também da emergência de um pensamento crítico contra-colonial para pensar o país. Torna-se necessário perceber como os professores problematizam este conteúdo e apresentam a gama desses(as) autores(as) sociológicos mais estabelecidos dentro do que se constituiria a Teoria Sociológica, ou o Pensamento Sociológico Brasileiro, assim como a geração de intelectuais negras, como Lélia Gonzalez e Virgínia Bicudo.

O trabalho de Junqueira e Pimenta (2019) ajuda a compreender como a chegada da Lei nº 11.684/2008 na Educação Básica fez com que se passasse a ter uma valorização no currículo da licenciatura dentro da graduação, que até o momento era unanimemente focada no bacharelado. As autoras colocam como programas que se voltam para uma graduação em licenciatura, agora tendo o amparo de uma legislatura, ou seja, uma formação que irá gerar possibilidade de emprego estável, como concursos para secretarias de educação de estados e municípios, focando-se em um preparo para estes professores estarem em sala de aula. Dentre estes programas de incentivo, esteve o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e mais recentemente o Programa de Residência Pedagógica (PRP), o que traz uma possibilidade de valorização do livro didático enquanto material pedagógico.

A relação do uso do livro didático pelos professores.

Apesar de iniciativas como PIBID e mais recentemente a PRP, que visam aproximar as experiências teórico-práticas dos(as) licenciandos(as) nas escolas, destaca-se que a estrutura do curso de Ciências Sociais, de modo geral, ainda não alcançou a valorização necessária, o que pode ser confirmado pela percepção dos(as) professores(as) de Sociologia do Distrito Federal sobre o quanto se sentem preparados(as) para lecionar a disciplina no Ensino Médio.

Tabela 03 - A preparação pedagógica foi suficiente para a inserção em sala de aula.

Percepção	Número
Discorda	16
Discorda totalmente	4
Nem discorda nem concorda	7
Total geral	27

Fonte: Elaboração própria (2021).

Apesar de todos os respondentes terem afirmado que se sentem preparados para lecionar a disciplina, parte significativa não atribuiu esse sentimento à

preparação pedagógica da licenciatura ou aos estágios supervisionados realizados durante a licenciatura. Podemos observar na Tabela 03 que parte significativa dos professores discorda (59,3%) ou discorda totalmente (14,8%), sendo que reunidos representam 20 (74,1%), isso quer dizer que temos uma maioria de respostas negativas sobre a preparação pedagógica recebida no curso de graduação.

Tabela 04 - Os estágios da licenciatura foram suficientes para a preparação pedagógica.

Percepção	Número
Discorda	17
Discorda totalmente	8
Nem discorda nem concorda	2
Total geral	27

Fonte: Elaboração própria (2021).

Reunidos, as respostas “discorda” e “discorda totalmente” acumulam 25 (92,6%) do número de professores que se sentem insatisfeitos em relação à forma como os estágios obrigatórios supervisionados foram realizados, gerando uma percepção de que disciplinas que caracterizam os cursos de licenciatura não foram suficientes para prepará-los para atuarem com a disciplina de Sociologia na Educação Básica. Percebe-se que o grau de insatisfação com a preparação pedagógica do curso é altíssimo, porém a percepção sobre o quanto se sentem preparados para lecionar a disciplina de Sociologia também é alto, o que indica uma preparação pedagógica recebida através da prática profissional, confirmando a tese de Tardif (2000) sobre os saberes docentes experienciais, ainda que não desconsideramos a importância dos conhecimentos epistemológicos da formação acadêmica (CORDEIRO, 2017), no qual os estágios supervisionados, entendidos como um momento teórico instrumentalizado da práxis docente (LIMA, PIMENTA, 2012), são essenciais para a formação e qualificação profissional dos(as) professores(as) de Sociologia.

Destaca-se que a percepção negativa sobre a formação docente em Sociologia é um fenômeno observado em diversos trabalhos da área de ensino de Sociologia, em diferentes contextos nacionais (CIGALES, 2013; CIGALES, SILVEIRA, 2015;

COSTA, 2016), em que se destaca uma certa “violência simbólica” do bacharelado em relação à licenciatura. O conjunto desses trabalhos retrata que por muitas décadas a licenciatura foi organizada pelo modelo de formação conhecido como 3 + 1, em que a estrutura das disciplinas do bacharelado era predominante no decorrer do curso, sendo que ao final da trajetória formativa, para se tornar professor, bastava cursar algumas disciplinas pedagógicas, geralmente alocadas nas faculdades de educação. O fato é que historicamente houve um certo afastamento da agenda de pesquisa da Sociologia com a temática educacional, mais especificamente dos fenômenos educacionais da escola básica, questão que vem se alterando mais recentemente, conforme indicam o levantamento realizado por Almeida e Hey (2018).

De certo modo, se em termos estruturais historicamente a licenciatura não ocupou um lugar de prestígio, talvez seja pelo fato de que se reproduzem em termos acadêmicos certas dicotomias, que atrelam a pesquisa e o fazer científico à estrutura do bacharelado, mas que na realidade esconde um dilema ainda pouco estudado no subcampo de pesquisa do ensino de Sociologia: o fato de que o exercício da profissão docente também exige pesquisa. Se entendermos que a institucionalização de uma área envolve ao menos três características, sendo elas, agências de financiamento, criação de postos de trabalho e profissionalização (BOMENY, BIRMAN, 1991), então podemos considerar que o ensino de Sociologia e as licenciaturas reuniram recentemente essas três características. A CAPES voltou-se para o financiamento da formação inicial de professores através do PIBID e do Programa de Residência Pedagógica (PRP); a Lei nº 11.684 proporcionou a criação de vagas para professores de Sociologia no Ensino Médio, assim como as Diretrizes de Formação de Professores (BRASIL, 2015; 2019) ao reconhecerem a obrigatoriedade das 400 horas de estágio a serem realizadas nas escolas, possibilitaram a criação de uma identidade para as licenciaturas. No entanto, podemos nos questionar até que ponto na prática essas ações não esbarraram nas estruturas simbólicas e na prática dos agentes de formação de professores(as) nas universidades, uma vez que há nos dados apresentados uma alta taxa de

reprovação sobre a preparação pedagógica e os estágios para a formação profissional dos(as) professores(as) de Sociologia do Distrito Federal.

Também temos que considerar que um estudo teórico que buscasse evidenciar o *habitus* docente em Sociologia seria muito interessante para desvelar as estruturas simbólicas de dominação que estruturam o campo das Ciências Sociais no Brasil. Falar em campo acadêmico é reconhecer a *doxa* e a *ilusio* que estruturam as regras e disputas de um determinado espaço social capaz de refratar imposições externas a ele (BOURDIEU, 1996). Assim, nos questionamos da capacidade que cursos de licenciatura teriam de criar suas próprias regras em um espaço acadêmico tão dominado por estruturas do bacharelado. Essa é uma hipótese que merece ser perseguida, já que traria uma chave de leitura sobre o próprio funcionamento da escola pública no país, mas para além disso, gostaríamos de perceber como o livro didático ganha significado e é usado pelos(as) professores(as) que participaram desta pesquisa.

A Tabela 05 demonstra que o livro didático de Sociologia costumava ser utilizado pelos docentes para organizar as aulas antes da pandemia, pois 12 (44,4%) responderam utilizar o livro frequentemente, seguidos de 4 (14,8%) sempre e 8 (29,6%), que afirmaram utilizar o livro às vezes. Percebe-se o número baixo de respondentes que afirmaram nunca, 1 (3,7%), ou raramente 2 (7,4%), utilizar o livro no planejamento das aulas. Esse dado indica que o livro didático tem uma boa recepção entre o público que respondeu à pesquisa.

Tabela 05 - Uso do livro didático antes da pandemia.

Frequência	Número
Às vezes	8
Frequentemente	12
Nunca	1
Raramente	2
Sempre	4
Total geral	27

Fonte: Elaboração própria (2021).

Buscando compreender o uso do livro didático durante o ensino remoto, observa-se a partir da Tabela 6, que houve uma significativa diminuição do uso desse material no período da pesquisa. Os que afirmaram nunca, raramente e às vezes utilizarem o livro, correspondem a 6 (23,1%), 2 (7,7%) e 4 (15,4%), respectivamente. Isso demonstra que houve uma diminuição do uso do livro didático de Sociologia durante o ensino remoto, principalmente se considerarmos o percentual de respondentes que afirmaram nunca terem utilizado o livro durante esse período.

Tabela 06 - Uso do livro didático durante a pandemia.

Frequência	Número
Às vezes	4
Frequentemente	11
Nunca	6
Raramente	2
Sempre	3
Total geral	26

Fonte: Elaboração própria (2021).

Entre os livros didáticos mais utilizados para organizar as aulas, destacam-se os seguintes títulos: Sociologia em Movimento (07), Sociologia da editora Scipione (04), seguido dos livros Sociologia Hoje (03) e Sociologia para os Jovens do Século XXI (03). O livro didático também costuma dividir espaço com outros materiais de apoio, como *blogs*, *sites* e a produção didática dos próprios professores. Tivemos um aumento do número de professores/as que responderam utilizar *sites* e *blogs* para organizar as aulas de Sociologia. Esse aumento representa 80% das respostas no que se refere a “frequentemente” ou “sempre” utilizarem esse suporte de ensino, passando de 12 respondentes para 20, o número de professores que passaram a utilizar esse recurso para organizar suas aulas. Isso demonstra que cada vez mais as ferramentas digitais de ensino são utilizadas pelos docentes para organizarem as aulas da disciplina.

Refletindo a partir dos dados apresentados na pesquisa é possível perceber que, apesar da tendência relatada pela pesquisa, no Distrito Federal ainda se busca

manter uma relação de ensino que faz uso do livro didático de uma maneira mais abrangente. Ainda sobre o número de professores formados na área é possível perceber que a trajetória pedagógica tem papel importante no uso do livro didático em sala de aula, ainda que muitas vezes não tão perceptível (OLIVEIRA, 2019). Observar a relação que se criou entre essas trajetórias está presente desde o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu (1996) para compreender a relação entre formação acadêmica e o uso do livro didático, perpassando pela escolha de determinados livros do PNLD, como o Sociologia em Movimento (livro majoritariamente respondido em utilização na pesquisa), conhecido pela forma transversal de tratar os temas das Ciências Sociais e mesmo a realidade que o ensino remoto proporciona.

Considerações finais.

O livro didático apresenta-se como um produto cultural que reflete projetos de sociedade atrelados a desejos políticos, sociais e pedagógicos. No caso desta pesquisa, compreendemos que o livro didático de Sociologia vai ao encontro do que tem sido produzido no campo acadêmico-científico das Ciências Sociais, adaptando-se pedagogicamente às questões teóricas, conceituais e temáticas da área educacional em que a Sociologia vem se inserindo de forma mais ampla desde 2008. Os dados da pesquisa evidenciam que o livro didático de Sociologia tem sido utilizado pelos professores do Distrito Federal, uma vez que é um instrumento pedagógico que auxilia docentes e estudantes diante do processo de ensino-aprendizagem. No entanto, a pandemia de Covid-19 tem afetado seu uso, o que pode estar atrelado a uma série de motivos, como evidenciado pelo estudo de Cigales *et al.* (2020) ao analisarem o contexto da Reforma do Ensino Médio e da Educação Remota entre estudantes do Ensino Médio no Distrito Federal.

Com relação ao ensino remoto, uma parcela de 38 respondentes (48,1%) rejeita por completo o formato, alegando como pontos negativos as dificuldades de aprendizagem e concentração, os problemas com o domínio das plataformas e as condições de acesso à *internet*. Nesse eixo, vale frisar os seguintes relatos: “Horrrível, muitas vezes é difícil acessar a *internet*, só quando eu coloco crédito

porque na minha casa não tem Wi-Fi” (R05, estudante branca, 15 anos); “Bom acho que tem mais dificuldades, pois tem alunos ou até mesmo professores que não sabem utilizar muito bem a tecnologia” (R11, estudante parda, 15 anos) (CIGALES, ASSIS, FIGUEREDO, QUEVEDO, 2020, p. 77).

Por meio do Guia do livro didático de Sociologia, evidenciamos que a reflexão sobre o conteúdo vem se modificando, comparativamente entre a sua primeira e a última edição analisadas, o que compreende respectivamente o período entre 2012 e 2018. Evidenciamos transformações em relação ao modo como os livros didáticos vem trabalhando determinados autores e perspectivas teóricas, assim como a percepção sobre como trazê-los para o debate pedagogicamente adaptado à Sociologia escolar. Com o passar das edições, os livros didáticos tornaram-se mais acessíveis e integrados às demandas juvenis, criando versões *online* e uma linguagem mais próxima dos contextos sociais e culturais dos estudantes do Ensino Médio, como destaca Pires e Arimax (2020) ao analisarem os livros didáticos de Sociologia que participaram do PNL D.

A pesquisa realizada com os professores do Distrito Federal apresenta a percepção sobre quem são os respondentes da pesquisa e, conseqüentemente, aqueles que estão atuando na Educação Básica. Em sua maioria, os respondentes da pesquisa são professores cisgêneros, atuantes nas escolas públicas por contrato temporário. Esse dado é relevante para pensarmos os efeitos da Reforma do Ensino Médio no Distrito Federal, o que pode aprofundar ainda mais a precarização do trabalho docente em Sociologia. Apesar das incertezas da Reforma do Ensino Médio e da Pandemia de Covid-19 é importante destacar que o curso de licenciatura em Ciências Sociais no Distrito Federal, com destaque para a Universidade de Brasília, passou por uma recente reforma curricular e contratação de professores para atuarem na área de estágio obrigatório supervisionado, em busca de cumprir as 400 horas de estágio de acordo com a legislação (BRASIL, 2002, 2015). No entanto, essas transformações ainda não surtiram efeito no público pesquisado, uma vez que grande parte sente que o curso de licenciatura não os preparou para o trabalho docente com a disciplina de Sociologia no Ensino Médio.

Nossa hipótese é que as próximas gerações de professores, apesar de encontrarem um mercado de trabalho fragmentado em relação a uma identidade

disciplinar para a Sociologia no Ensino Médio, seguido de livros didáticos interdisciplinares na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, poderá ter uma melhor capacidade de responder tais desafios, uma vez que se formará sob os efeitos de uma maior profissionalização da área do Ensino de Sociologia, seja através de políticas públicas educacionais como o PIBID e a PRP, ou ainda da reforma curricular da licenciatura, a partir do cumprimento da carga horária dos estágios obrigatórios.

Ao resgatarmos a trajetória da Sociologia no Brasil, podemos perceber a relevância dos livros didáticos para a disciplina, a partir de uma perspectiva de construção do currículo da Sociologia escolar ao longo dos séculos XX e XXI, bem como a projeção de uma sociedade democrática atendida com as demandas de compreensão mais ampla dos processos políticos, culturais e sociais, no qual o ensino de Sociologia, enquanto conhecimento escolarmente adaptado, pode contribuir. Ainda que no período mais recente, com a Reforma do Ensino Médio e o PNLD de forma interdisciplinar possa trazer empecilhos ao fortalecimento disciplinar da Sociologia, percebemos que o livro didático possui uma capilaridade em adaptar-se a essas mudanças, uma vez que ele é artefato cultural intrínseco à escolarização nas sociedades modernas.

Referências bibliográficas.

ALMEIDA, Ana Maria F.; HEY, Ana Paula. Sociologia da Educação: Olhares sobre um Campo em Ascensão. *In*: MICELI, Sergio; MARTINS, Carlos Benedito (Orgs.). **Sociologia brasileira hoje II**. Cotia: SP: Ateliê Editorial, 2018, p. 253-310.

ARAÚJO, Silvia de; BRIDI, Maria; MOTIM, Benilde. **Sociologia: Livro do professor**. São Paulo, Editora Scipione, p. 304, 2013.

BARROS, Cesar, AMORIM, Henrique; MACHADO, Igor. **Sociologia hoje: Livro do professor**. São Paulo: Editora Ática, p. 384, 2016.

BODART, Cristiano; CIGALES, Marcelo, P. O ensino de sociologia no século XIX: experiências no estado do Amazonas, 1890-1900. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 28, p. 123-145, 2021.

BODART, Cristiano; SILVA, Roniel Sampaio. Quem leciona Sociologia após 10 anos de presença no Ensino Médio brasileiro? *In*: Cristiano das Neves Bodart; Wenderson Luan dos Santos Lima (Orgs.). **O ensino de Sociologia no Brasil**. 1 ed. Maceió-AL: Editora Café com Sociologia, 2019, v. 1, p. 35-62.

BODART, Cristiano; CIGALES, M. Ensino de Sociologia no Brasil (1993-2015): Um Estado da Arte na Pós-graduação. **Revista de Ciências Sociais (UFC)**, v. 48, p. 256-281, 2017.

BODART, Cristiano. Prática de ensino de Sociologia: as dificuldades dos professores alagoanos. **Mediações, Revista de Ciências Sociais**, v. 23, p. 455-491, 2018.

BODART, Cristiano das Neves; SILVA, Roniel Sampaio. Um “Raio X” do professor de Sociologia: Condições e Percepções. **Estudos de Sociologia**, v. 2. n. 22, Recife, 2016.

BODART, Cristiano; MARCHIORI, Cassiane. Fragmentos da história do ensino de sociologia no Brasil: Figueiredo e seu manual escolar de Sociologia de 1917. **Revista Brasileira de História da Educação** [online]. 2021, v. 21, ed. 181. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/10.4025/rbhe.v21.2021.e181>. Acesso em: 27 dez. 2021.

BOMENY, Helena; BIRMAN, Patrícia. **As assim chamadas Ciências Sociais no Brasil: formação do cientista social no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume, 1991.

BOMENY, Helena; FREIRE-MEDEIROS, Bianca; EMERIQUE, Raquel; O'DONNELL, Julia. **Tempos modernos, tempos de sociologia: Livro do professor**. 2ª ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2013, p. 383.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução Mariza Corrêa. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1996.

BRASIL. Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena e de formação de professores da Educação Básica em nível superior. **Diário Oficial da União**, Brasília, 4 de março de 2002. Seção 1, p. 9.

BRASIL. Ministério da Educação. PNLD 2012. **Guia de livros didáticos: Sociologia**. Brasília, DF: MEC, 2011.

BRASIL, Resolução N. 2 de 1º de julho de 2015. **Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior** (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda

licenciatura) e para a formação continuada. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. Brasília, DF, 2015.

BRASIL. **Guia de livros didáticos**: PNLD 2015: Sociologia: Ensino Médio. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Brasília, 2014, p. 56

BRASIL. Ministério da Educação. PNLD 2018: **Guia de livros didáticos**: Sociologia. Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, Brasília, 2017, p. 39

BRASIL, Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019. **Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica** (BNC-Formação). Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. Brasília, DF, 2019.

BRUNETTA, Antonio; CIGALES, Marcelo. Dossiês sobre ensino de sociologia no Brasil (2007-2015): Temáticas e autores. **Latitude** (UFAL), v. 12, p. 148-171, 2018.

CARUSO, Haydée; SANTOS Mário Bispo dos. **Rumos da Sociologia na Educação Básica**: ENESEB 2017, Reformas, Resistências e Experiências de Ensino. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: CirKula, 2019.

CIGALES, Marcelo. Quem forma os professores de sociologia da educação básica? Uma análise sobre a formação e atuação do corpo docente no curso de Ciências Sociais/UFPEL. **Revista Inter-Legere**, v. 1, n. 13, p. 179-201, 5 set. 2013.

CIGALES, Marcelo; SILVEIRA, Treicy. Formação de professores em Ciências Sociais na UFSC/Brasil: análise sobre o perfil do egresso. XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2015.

CIGALES, Marcelo; ASSIS, Doralice; FIGUEREDO, Lucas; QUEVEDO, Guilherme. Reforma do ensino médio e educação remota: o que pensam os(as) estudantes do Distrito Federal? **Revista Norus**, vol. 8, nº 14, p. 65-89, ago/dez/2020.

CENSO ESCOLAR, INEP. **Resultados**. Ministério da Educação, Brasília, DF. Disponível em <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>. Acesso em: mai. 2021.

CORDEIRO, Kátia Augusta Curado Pinheiro. Epistemologia da práxis na formação de professores: perspectiva crítico emancipadora. **Revista de Ciências Humanas**, Frederico Wesphalen, v. 18, n. 2, p. 121-135, 2017.

COSTA, Leomir Souza. **As Ciências Sociais na UFMA e formação de professores de Sociologia**. 232 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016.

ENGERROFF, Ana Martina; OLIVEIRA, Amurabi. Os sentidos da Sociologia escolar nos livros didáticos no Brasil. **Revista Pós-Ciências Sociais**, v. 15, p. 215-240, 2018.

FERRETTI, Celso João. A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade da educação. **Estudos Avançados**, v. 32, n. 93, p. 25-42, 2018.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; BOMENY, Helena; EMERIQUE, Raquel; O'DONNELL, Julia. **Tempos modernos, tempos de sociologia**. 2ª ed. São Paulo: Editora do Brasil. p. 384, 2016.

GALDINO, Marcelo. A autonomia na mediação didática de professores de Sociologia do Ensino Médio diante dos livros didáticos. **Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais**, v. 3, p. 26-44, 2019.

MACHADO, Igor; AMORIM, Henrique; BARROS, Cesar. **Sociologia hoje: Livro do professor**. São Paulo: Editora Ática, 2013, p. 328.

MEUCCI, Simone. Os primeiros manuais de sociologia do Brasil. **Revista Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 10, n. 1, p. 121-158, 2001.

MEUCCI, Simone. **Institucionalização da sociologia no Brasil: primeiros manuais e cursos**. 1. ed. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2011.

MEUCCI, Simone. Verbete: História do ensino da sociologia na Educação Básica no Brasil. *In*: Antonio Carlos Brunetta; Cristiano das Neves Bodart; Marcelo Pinheiro Cigales (Orgs.). **Dicionário do Ensino da Sociologia**. 1 ed. Maceió: Café com Sociologia, 2020, p. 163-168.

MICELI, Sergio (Org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**, v. 1. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1989.

MICELI, Sergio (Org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**, v. 2. São Paulo: Editora Sumaré, 1995.

MICHETTI, Miqueli. Entre a legitimação e a crítica: as disputas acerca da Base Nacional Comum Curricular. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 35, n. 102, 2020.

MILLS, Charles Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Seleção e introdução Celso Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MOTIM, Benilde; BRIDI, Maria; ARAÚJO, Silvia de. **Sociologia**: Livro do professor. São Paulo, Editora Scipione, p. 392, 2016.

OLIVEIRA, Amurabi. Revisitando a história do ensino de Sociologia na Educação Básica. **Acta Scientiarum. Education** (Online), v. 35, p. 179-189, 2013.

OLIVEIRA, Amurabi. Trajetória e práticas pedagógicas entre professores de Sociologia. **Rev. Diálogo Educ., Curitiba**, v. 19, n. 60, p. 308-327, jan./mar. 2019.

OLIVEIRA, Amurabi. En busca de una didáctica de la sociología: aportes desde la educación secundaria brasileña. **Didáctica de las Ciencias Experimentales y Sociales**, v. xx, n. xx, p. 21-34, 2021.

OLIVEIRA, Luiz; COSTA, Ricardo. **Sociologia para jovens do século XXI**: Livro do professor. 3ª ed. Rio de Janeiro, Imperial Novo Milênio. p. 494, 2013.

OLIVEIRA, Luiz; COSTA, Ricardo. **Sociologia para jovens do século XXI**: Livro do professor. 4ª ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio. p. 400, 2016.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio: diferentes concepções: *In*: PIMENTA, S; LIMA, M. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2012.

PIRES, Welkson; ARIMAX, Marques. Avaliação das aprendizagens no ensino da sociologia escolar: uma análise a partir dos livros didáticos de sociologia do Ensino Médio. **Revista Educação e linguagens**, v. 9, p. 369-402, 2020.

SILVA, Afranio. *et al.* **Sociologia em movimento**: Livro do professor. São Paulo, Moderna, p. 512, 2013.

SILVA, Afranio. *et al.* **Sociologia em movimento**. São Paulo, Moderna. p. 399, 2016.

SILVA, Ileizi; ALVES NETO, Manoel. O processo de elaboração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no Brasil e a Sociologia (2014 a 2018). **Revista Espaço do Currículo**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 262–283, 2020.

TABAC, Sara Esther Dias Zarucki. **O sentido do diploma**: escolha, formação e destino profissional dos egressos das licenciaturas em ciências sociais da UERJ e da UFRJ. 2021. 190 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**. n. 13, p. 5-24, 2000.

Recebido em: 15 de dez. de 2021.

Aceito em: 29 de dez. 2021.

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO

DANTAS, Marina; CIGALES, Marcelo. Usos do livro didático no Distrito Federal. *Revista Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais. CABECS*, v. 5, n. 2, p. 65-88, jul./dez., 2021.